

OPINIÃO

A conservação do solo merece mais atenção

André Ferretti (*)

Essencial para garantir os alimentos na nossa mesa, o solo bem conservado também é fundamental para a segurança hídrica, a preservação da biodiversidade e a proteção natural contra eventos climáticos extremos

Quando admiramos a natureza, o solo nem sempre é foco das atenções. A vegetação, as águas e a fauna quase sempre acabam roubando o nosso olhar. Entretanto, a superfície conservada é o que sustenta toda essa paisagem, sendo essencial para a biodiversidade, a segurança hídrica, a contenção de erosões e redução dos riscos de desertificação. Seu uso sustentável, com a adoção de boas práticas agrícolas, como o aumento da cobertura vegetal do solo, a adubação verde, a rotação de culturas, o plantio direto e a consorciação de culturas, aumentam a fertilidade, a resiliência, a produtividade do solo e a qualidade dos alimentos.

No entanto, precisamos trabalhar muito para conquistar esse mundo ideal. Dados de monitoramento da Universidade Federal de Goiás mostram que temos no Brasil quase 107 milhões de hectares de áreas de pastagem degradadas, sendo 38,6 milhões de hectares no Cerrado, 26,7 milhões na Amazônia, 22 milhões na Mata Atlântica, 16 milhões na Caatinga e 3,6 milhões no Pantanal.

Já o relatório Global Land Outlook, divulgado há dois anos pelo secretariado da Convenção de Combate à Desertificação da ONU, revela um retrato também pouco animador, pois aproximadamente 40% do solo do planeta estão degradados, em todos os continentes. Além disso, a projeção sinaliza que, se nada for feito até 2050, a área global deteriorada terá dimensão compatível com a América do Sul. Outro destaque do estudo está relacionado à promessa dos países em restaurar 1 bilhão de hectares degradados até 2030, desafio que exige investimento de US\$ 1,6 trilhão ainda nesta década. Para efeito de comparação, segundo o documento, o investimento das maiores economias do mundo é de US\$ 700 bilhões anuais em subsídios para os setores de combustíveis fósseis e agricultura.

Infelizmente, as notícias difíceis não param aqui. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) avalia que a degradação da terra está afetando pelo menos 3,2 bilhões de pessoas, cerca de 40% da população mundial. Esse impacto adverso na segurança alimentar da população e dos animais tem origem na poluição do solo, reduzindo a produtividade das safras devido aos altos níveis dos agrotóxicos.

São números assustadores, mas que podem ser minimizados parcialmente por meio da chamada agricultura regenerativa, uma Solução Baseada na Natureza que busca recuperar a qualidade do solo, combater os impactos climáticos e proteger a biodiversidade, enquanto a produção de alimentos é mantida. Vale lembrar que, nos ciclos da agricultura, a superfície bem conservada necessita de menos adubação, menos irrigação e menos intervenções em geral. Por outro lado, os solos mal manejados ou degradados são menos produtivos, com menor capacidade de absorver e armazenar carbono, necessitando mais fertilizantes e podendo gerar maior emissão de gases de efeito estufa.

A degradação do solo também coloca em risco a segurança hídrica. Com a perda de vegetação, a terra reduz a capacidade de infiltração e de armazenamento de água. O desmatamento e a produção intensiva no campo tornam o solo mais compactado e exposto à chuva e ao sol. Sem a cobertura vegetal, que funciona como proteção natural, a água infiltra muito menos e escorre muito mais, provocando erosão e perda de nutrientes. Além disso, quando a água não consegue penetrar no solo, os cenários das enchentes e inundações se agravam.

Nas áreas próximas ao litoral, a preocupação dos especialistas com a conservação do solo e a erosão costeira é ainda maior. Sem os ecossistemas que protegem os aclives, com a perda de terreno, o mar começa a invadir e a danificar a infraestrutura dos municípios litorâneos. Portanto, a preservação de manguezais, restingas e recifes de corais são ações essenciais para defender o bioma marinho e a costa.

O solo bem conservado é também importante aliado na proteção das comunidades contra ressacas, tempestades, furacões e outros fenômenos extremos que devem se intensificar com as mudanças climáticas. Assim, a conservação do solo é essencial para a adaptação às mudanças climáticas. Quanto mais cuidado, mais equilibrados ficam os ecossistemas. Se o solo está protegido, a vegetação natural continua ali fazendo as suas funções, permitindo que diferentes formas de vida também se desenvolvam.

Quando o assunto é saúde do planeta e bem-estar da população, proteger e restaurar o solo significa garantir a segurança alimentar, hídrica e climática. Por isso, é preciso agir com urgência, adotando práticas sustentáveis e políticas eficazes.

(*) Engenheiro florestal, gerente de economia da biodiversidade da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza e membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (RECNA).

Brasil deve manter ritmo de importação de trigo

Especialistas do setor analisaram o desempenho global do grão nos próximos meses durante webinar promovido pela Abitrigo

Markado por inúmeros desafios, como os aumentos nos preços do cereal e possíveis quebras de safras em decorrência das mudanças climáticas, 2024 já pode ser considerado um ano desafiador para o mercado de trigo global. Como forma de entender os gargalos e as possibilidades desse cenário, a Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo) realizou um webinar sobre o assunto na tarde de 27 de agosto.

Com o tema “Cenário do mercado de trigo no Brasil e no Mundo”, o encontro online, mediado pelo diretor de Suprimentos da Viterria Milling (Correcta e Moinho’s Cruzeiro do Sul), Maurício Ghiraldelli, contou com apresentações do analista de Mercado da Safras & Mercado, Elcio Bento, e do diretor da PRTK Consultoria, Douglas Araujo.

Para Ghiraldelli, o evento foi realizado em um momento crucial do grão. “É neste período que ocorrem as colheitas no Hemisfério Norte, com uma concentração de 85% da produção mundial, e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil”, ressaltou o diretor, frisando a importância de expor aos participantes informações que possam gerar conteúdos de valor para as tomadas de decisões estratégicas nos principais elos da cadeia produtiva do trigo.

O mercado verde e amarelo

Ao analisar o mercado brasileiro, Elcio Bento destacou três fatores para a precificação do trigo: produção nacional – o que inclui escassez (paridade de importação) e excesso (paridade de exportação), preços internacionais e câmbio.

“Os preços internacionais e o câmbio são responsáveis por determinar em quais patamares estarão as paridades de importação e exportação nacionais. Se há escassez, é necessário importar e se há excesso, exportar”, explicou.

Para 2024/25, o profissional estima que o país deverá manter o ritmo de



importações e, conseqüentemente, segurar as exportações. “No ano passado exportamos mais, mesmo com uma safra semelhante, mas era um trigo não utilizado no mercado interno. Se o grão deste ano tiver qualidade, teremos que segurá-lo no Brasil”, afirmou.

Em comparação aos preços internacionais, na região do Paraná, com recorte para o interior do estado, há uma inferioridade de 2% em relação a Kansas, nos Estados Unidos. “Essa porcentagem nos mostra que estamos na margem de erro e conseguimos identificar uma tentativa – depois de um período de preços mais elevados – de acomodar, precificar e voltar para a ideia de preços de safra nova”, detalhou.

O mercado global

No quadro de oferta e demanda global, como ponderou o diretor da PRTK Consultoria, Douglas Araujo, há um pequeno salto entre os números do ano anterior e do atual. “No entanto, são números ainda abaixo do consumo, o que leva a estoques menores, uma vez que estamos em um período que findamos 77% da colheita 2024/25”, ressaltou.

Ainda de acordo com Douglas, os países mais desenvolvidos, como Estado Unidos, Suíça e Reino Unido, estão caminhando para um ciclo de redução de juros e as economias em desenvolvimento, como Brasil, Índia e China, viverão algo intermediário.

“Essa mudança, ao observamos a Bolsa de Valores, faz com que os fundos já estejam vendidos e, conseqüentemente, se mostra uma força muito relevante na formação dos preços no mercado físico, já que, ao somarmos todas as Bolsas de Valores do mundo, elas contabilizam um volume astronômico. O peso da economia, dos juros e da inflação refletem nas decisões de agentes globais”, comentou.

A Argentina, por outro lado, está rapidamente corrigindo a situação inflacionária do ano anterior. “É um caso muito interessante, neste cenário, o país tem se recuperado a passos muito largos e isso virá a refletir no ambiente econômico e na nova safra, pois os produtores dessa região vão poder corrigir a distorção que existe com o juro real, modificando até mesmo o panorama global”, finalizou.

Microrganismos contribuem para nutrição e saúde de aves e suínos

A demanda mundial por proteínas à base de aves e suínos segue aquecida. Dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) apontam que, neste ano, as exportações brasileiras de carne de frango, por exemplo, devem crescer até 2,2%, com estimativas de embarque de 5,25 milhões de toneladas. O mesmo acontece com o embarque de carne suína, cujo crescimento poderá chegar a 7,7% em 2024, com um total de 1,32 milhões de toneladas.

Para atender às necessidades do mercado, os produtores estão buscando investir em produtividade para a manutenção e crescimento da oferta. Uma das formas de elevar o potencial de produção de suínos e aves é por meio da biotecnologia. Exemplo disso é a aplicação de probióticos, organismos vivos que provêm benefícios quando inoculados em quantidades adequadas.

Durante o Salão Internacional de Proteína Animal (SIAVS), que ocorreu no início de agosto em São Paulo, a Novonesis, líder mundial em biossoluções, apresentou soluções à base de probióticos que elevam a conversão de alimento em produção de carne. Para a suinocultura, por exemplo, a companhia apresentou o SOLPREME®, um produto que possui duas cepas probióticas naturais, B. subtilis e B. amyloliquefaciens, desenvolvidas especificamente para serem fornecidas via ração para fêmeas suínas gestantes, lactantes e seus leitões durante a fase de lactação e creche.

As duas cepas de probióticos foram selecionadas pela Novonesis por sua alta capacidade de inibição de patógenos, especialmente C. perfringens e E. coli, causadores de diarreia em leitões lactentes e desmamados. “Essas enfermidades reduzem o desenvolvimento de carcaça”, explica Alberto Inoue - Gerente Animal Biossoluções LATAM da Novonesis.



Ele completa que menos diarreia é menos uso de antibióticos e, conseqüentemente, menor custo de produção e maior produtividade.

Outro benefício proporcionado por meio da contribuição dos probióticos na alimentação dos animais está na padronização do rebanho. “A uniformidade entre lotes de suínos também é um fator muito importante para a boa produtividade e rentabilidade da suinocultura”, observa Inoue. A uniformidade de peso em um grupo é medida pelo coeficiente de variação (CV), que é o peso médio dos indivíduos do grupo. Estima-se melhora de 1% na uniformidade no momento do abate, o que equivale a ganhos de R\$ 3,20 a R\$ 8,00 por suíno produzido.

Avicultura

Para a avicultura, os probióticos também trazem bons resultados. Durante o SIAVS, foi apresentado o GalliPro® Fit, um probiótico formado por três cepas selecionadas: Bacillus subtilis Cepa Queen (ajuda na modulação do sistema imune), Bacillus subtilis Cepa King (melhoria na disponibilidade de proteína) e o Bacillus amyloliquefaciens Cepa Knight (amplia a disponibilidade de energia do alimento para as aves).

“Esses microrganismos biológicos também intensificam a eficiência dos programas de prevenção de doenças e contribuem para a segurança dos alimentos, proporcionando lucratividade”, afirma Alberto Inoue. O gerente completa que estas cepas foram selecionadas especificamente por sua capacidade de inibir a proliferação de microrganismos patogênicos e também por sua capacidade de melhorar a digestibilidade dos alimentos.

Cenário

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) projeta que o ano de 2024 será positivo para a produção de carne de frango no país, com estimativa de crescimento de 1,8% no volume produzido, podendo chegar a 15,1 milhões de toneladas neste ano e com perspectivas iniciais de até 15,35 milhões de toneladas em 2025 (+2,3% em relação à 2024). O consumo anual da proteína por habitante neste ano deve se manter nos mesmos patamares do ano passado, em torno de 45 kg per capita/ano, com possibilidade de incremento para 46 kg per capita/ano no ano seguinte (+2% em relação à 2024).